

2. Chamados amigos

A partir do uso do termo “amigo”/“companheiro” nas passagens de Mateus que vimos, devemos então, em primeiro lugar, entender que nelas Jesus coloca em questão a resposta que Ele recebe à proposta que veio exprimir no mundo.

Nessas passagens do Evangelho, Jesus pensa acima de tudo na resposta decepcionante do povo de Israel à sua vinda, mas agora isto vale para cada um de nós, para a vinda de Cristo até cada um de nós e para o chamado que nos dirige pessoalmente. De modo que, aquilo que Jesus exprime nas três parábolas – dos moleques que tocam e cantam e não obtêm reação, dos trabalhadores que murmuram diante da gratuidade do patrão e do convidado que vai às núpcias sem o traje nupcial –, realiza-se realmente quando Judas, um dos apóstolos, trai Jesus, o beija para entregá-lo e ouve da parte de Jesus: “Amigo, a que vieste?”.

Judas representa cada pessoa que frustra o chamado de Cristo, que o frustra sobretudo na sua total gratuidade, como dom, como privilégio, como preferência. Para cada um de nós, o chamado a seguir a Cristo, o chamado da nossa vocação e, acima de tudo, o chamado do Batismo, antes de ser um compromisso é uma graça, é um dom, é dom de Cristo à nossa vida, dom que Ele nos dá e, mais ainda, dom de si mesmo, ou seja, dom da sua presença, da sua amizade, da sua companhia, da beleza de estar com Ele.

Sermos chamados a seguir Jesus Cristo é um chamado a estar com Ele a cada passo da vida. É o chamado a receber o dom da presença de Cristo a cada passo, e este é o privilégio maior, um dom imenso e eterno. Só uma fidelidade sem fim corresponde à graça de sermos chamados pelo Senhor.

Por isso, quando Jesus diz “Amigo, a que vieste?”, entendemos que o termo “Amigo” aqui não é, como nas outras passagens do Evangelho de Mateus, só um termo de relação contratual ou de regras a observar: na boca de Cristo exprime uma real e profunda amizade. Na boca de Jesus e dirigido a um discípulo seu, a alguém que Jesus escolheu pessoalmente para estar com Ele, este termo não é mais formal: exprime realmente o amor preferencial de Jesus por Judas. E exprime-o como última tentativa de recordar a Judas este amor, esta amizade. Jesus coloca Judas diante do que ele está realmente traindo, do que ele está entregando aos inimigos de Jesus e ao inimigo número um de Deus: Satanás.

Unindo a este epíteto, “Amigo”, a pergunta “*ad quid venisti?* – a que vieste?”, Jesus convida Judas a reconsiderar suas intenções, sua decisão, sua escolha, seus sentimentos, em suma: o convida a retomar nas mãos a sua liberdade, a retomar a consciência da sua liberdade à luz da sua vocação de amigo de Cristo.

Este é um ponto fundamental para toda vocação cristã. Por isso, São Bento o retoma na Regra, precisamente no capítulo 60, onde trata da vocação de um sacerdote que se sente chamado a tornar-se monge, a viver no mosteiro.

É como se este padre quisesse entrar no jardim do Getsêmani para viver com Jesus e os seus discípulos uma vida de íntima amizade, de oração, de relação com o Pai, mas também de tentação, de luta para permanecer fiel com Ele até o fim à vontade do Pai de salvar o mundo, tomando com Cristo a cruz e seguindo-o.

Este sacerdote se sente atraído a isso, a esta dimensão profunda e essencial de toda vida cristã que o mosteiro deveria ajudar a viver com mais fidelidade e constância. Não se trata de entrar no jardim do Éden antes do pecado original, mas no jardim no qual a relação com Jesus é chamada a segui-lo até aos sentimentos mais profundos do seu coração triste, mas ardente de amor pelo Pai e por toda a humanidade necessitada de salvação. Só se deseja isto, se se sente atraído por isto, faz sentido que um sacerdote, como qualquer outra pessoa que se sinta chamada ao mosteiro, peça admissão na comunidade monástica.

Então, a pergunta que a Regra lhe põe é muito rigorosa: *“Amice, ad quod venisti?”*. Convida, de fato, a examinar as nossas intenções à luz da amizade de Cristo. *“Ad quid venisti?”* deveria ser traduzido como: “Para que vieste? Com que finalidade vieste? Tendendo a quê estás aqui?”.

Se traduzíssemos *“ad quid venisti?”* por “por que vieste?”, a pergunta seria entendida em sentido causal, isto é, quanto ao motivo de uma ação. Ao traduzir, porém, por “para que vieste?” ou “a que vieste?”, exprimimos a finalidade, o fim para o qual algo é feito, que é precisamente o sentido pretendido pela expressão latina *ad quid*. Mas antepondo o termo “Amigo”, é como se Jesus fizesse a Judas uma pergunta retórica, porque para Judas a resposta está clara já há muito tempo: Judas veio, está ali, conhece Jesus, conhece aquele jardim, pode beijar Jesus e, assim, pode traí-lo *porque Jesus lhe ofereceu a sua amizade, porque Jesus o chamou à amizade com Ele*.

A amizade de Cristo pede amizade, é um amor que pede amor. Mesmo que tenha vindo para traí-lo, Judas veio, está com Jesus, porque foi chamado e atraído pela amizade de Cristo e pela comunhão profunda que essa amizade oferece e pede.

A amizade de Deus é sem arrependimento. Jesus permanece fiel eternamente à relação de amizade que veio nos oferecer. E se o rejeitarmos, se o traírmos, a nossa liberdade permanecerá eternamente como que queimada pela rejeição do infinito amor de Deus. Se há uma danação eterna, essa não pode ser outra coisa senão um eterno arrependimento de não acolher um amor infinito. O inferno foge do amor de Deus ao qual somos atraídos desde o instante da nossa criação.

São Bento faz questão de citar aqui e assim esta palavra de Jesus a Judas para nos fazer compreender que, para ele, a nossa vocação coincide com a resposta ao chamado de Cristo a sermos seus amigos. E é como se nos sugerisse fazer sempre uma verificação fundamental de como vivemos a nossa vocação, uma verificação que consiste exatamente no deixar que Jesus nos pergunte sem rodeios, em meio talvez a um momento de distração ou de infidelidade, ou até mesmo de traição, como a Judas: “Meu amigo, meu amado, para que vieste aqui?”.

É a verificação a qual São Bernardo se submetia sempre, quando era noviço, e que depois proporá aos seus monges: “*Bernarde, Bernarde, ad quid venisti?* – Bernardo, Bernardo, a que vieste?”, levando a sério tanto o Evangelho como a Regra de São Bento.

É significativo que, narrando isso na *Vita prima* de São Bernardo, Guilherme de Saint-Thierry una a reminiscência da pergunta feita por Jesus a Judas com a alusão aos grandes chamados bíblicos nos quais Deus pronuncia duas vezes o nome da pessoa que chama como que para sublinhar que chama exatamente a ele ou a ela a uma conversão, a uma vida nova. Basta pensar no chamado de Abraão, de Moisés, de Samuel, de Marta ou de Saulo de Tarso (cf. Gn 22,11; Ex 3,4; 1Sam 3,10; Lc 10,41; At 9,4).

O que isso quer dizer? Quer dizer que o exame sobre como vivemos, sobre como vamos e estamos, devemos sempre fazê-lo recordando o chamado do Senhor, o momento no qual nos sentimos chamados pelo nome, precisamente nós e não um outro. Não podemos ter um juízo verdadeiro sobre como estamos vivendo sem nos deixarmos iluminar, e talvez trespassar, pelo chamado de Deus a estarmos na sua amizade para fazer de bom grado a sua vontade, para seguir com alegria o seu caminho e viver a sua vida.